

inclusive (em doses baixas como 75 mg/dia) para evitar eventos trombóticos. A propriedade do AAS que justifica seu uso como profilaxia da trombose é a inibição da síntese de TXA_2 plaquetário, e este é justamente o motivo pelo qual doadores que fizeram uso recente do AAS não tem suas plaquetas fracionadas, aproveitando-se apenas o concentrado de hemácias oriundo da doação. A inibição da síntese de TXA_2 plaquetário (>95%) implica na deficiência dessas plaquetas em estimular a ativação de novas plaquetas e aumentar a agregação plaquetária, tornando os trombóticos desse doador não funcionais, e, portanto, não efetivos no controle de eventos hemorrágicos quando transfundidos em pacientes plaquetopênicos. O uso de medicamento com atividade antiplaquetários, mesmo não representando um número muito elevado dentre as causas de desprezo de hemocomponentes, representa uma preocupação em relação à automedicação. Ainda, o número de plaquetas randômicas que poderiam ter sido fracionadas destes doadores seria suficiente para atender a aproximadamente 5 prescrições de transfusão de plaquetas (número dependente da quantidade de bolsas solicitadas para a formação do pool de plaquetas randômicas). **Conclusão:** Considerando o cenário da redução de aproximadamente 10% das doações no HEMOSM e a alta demanda destes hemocomponentes por solicitação dos serviços de saúde atendidos pelo hemocentro, faz-se importante uma orientação mais efetiva para os doadores quanto aos requisitos necessários para a realização da doação e para a garantia da qualidade dos hemocomponentes produzidos.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2021.10.583>

EVOLUÇÃO DOS CANDIDATOS À DOAÇÃO DE SANGUE DO GÊNERO FEMININO NO BANCO DE SANGUE DO HOSPITAL SANTA MARCELINA EM 10 ANOS

ST Alves, LE Lima, CAV Arroyo, JS Moreira, JSR Oliveira

Hospital Santa Marcelina, São Paulo, SP, Brasil

Objetivos: Elucidar através de gráficos e porcentagens, a ocupação de mulheres em espaços majoritariamente masculinos, sendo um deles a doação de sangue. Analisamos a evolução do gênero do doador do Banco de Sangue do Hospital Santa Marcelina ao longo de 10 anos (2011 a 05/2021) para determinar a linha de tendência das doações do sexo feminino e a importância de fortalecer o papel igualitário dos gêneros na sociedade. **Material e métodos:** Através da coleta do dado “Quanto ao gênero do doador” informado no SISH-EMO, coletamos as informações de 01/2011 a 05/2021 e avaliamos a evolução ao longo do tempo. **Resultados:** Em 2011, o Banco de Sangue do Hospital Santa Marcelina apresentava média anual de 39,1% de doadores do sexo feminino, ao longo dos anos seguintes até 2019, essa taxa aumentou gradativamente e em 2019 atingiu 46,2%. Em 2020, pela pandemia por SARS-CoV-2, houve queda nessa tendência de alta, ficando em 44,6% a média anual. Em 2021, estratificando por mês, em janeiro houve 45,2% de doadoras e em maio atingiu 47,4%, índice superior à média mensal de 2019, mostrando que após

a queda de 2020 a taxa voltou a crescer. **Discussão:** A doação voluntária de sangue é um ato de causa humanitária, este comportamento é regido e administrado pelas diretrizes da lei vigente e padrões internacionais de qualidade para segurança dos receptores e dos doadores, diante disto, existem algumas restrições quanto a aptidão por gênero. Enquanto o candidato do sexo masculino pode doar 4 vezes em 12 meses, a candidata do sexo feminino tem algumas restrições a mais, podem doar sangue total até 3 vezes ao ano; as multiparas são excluídas da doação de plaquetas por aférese como forma de prevenir a lesão pulmonar aguda associada à transfusão (transfusion-related acute lung injury, TRALI), temos restrições relacionadas a gestação, amamentação, entre outras diferenças por gênero. Porém, essas peculiaridades podem ser compensadas com mais doadoras aptas. Dados de 2019 da OMS (Organização Mundial da Saúde) mostram que mundialmente 33% das doações são feitas por mulheres, mas esse número pode ser muito baixo em alguns países. Em 14, dos 111 países que notificaram à pesquisa da OMS, menos de 10% das doações são feitas por doadoras. No Brasil, a participação feminina é mais expressiva, a média nacional da ANVISA em 2019, mostra que 42,63% das doações são do sexo feminino, a região Sul atinge o maior percentual, com 43,89%. No Banco de Sangue do Hospital Santa Marcelina os índices estão acima da média nacional, em 2019 alcançamos 46,20%, e em especial no mês de setembro/2019 esse índice atingiu 49,2%, maior índice da série histórica de 10 anos. Houve uma queda em 2020, mas apesar do momento sanitário em que o país se encontra, ainda ficamos acima da média nacional, com 44,65%. Em 2021 os índices mensais estão aumentando progressivamente, mostrando que com o avanço do controle da pandemia as mulheres estão retornando as doações. Tais números evidenciam a transformação e a evolução da expressão da mulher na sociedade a um caminho de empoderamento e emancipação do sistema patriarcal. **Conclusão:** Manter os estoques de hemocomponentes suficientes para atender toda demanda transfusional de um hospital de grande porte que atende também a outros serviços é um desafio para o setor de captação e triagem. O equilíbrio entre quantidade diária constante e qualidade, tem que nortear as ações de recrutamento. O estímulo a esse grupo de doadoras é fundamental como ferramenta para o suporte aos estoques e está associado a evolução histórica do papel da mulher perante a sociedade que cada vez mais ocupa posições importantes enquanto membro ativo, mostrando a necessidade de dinamismo e coparticipação entre ambos. Todos juntos, pelo ato de doar-se.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2021.10.584>

EVOLUÇÃO DOS ÍNDICES DE DOADORES DE REPOSIÇÃO DO BANCO DE SANGUE SÃO PAULO

BA Alves, GP Mesquita, MS Silva, JF Silva, VQ Garcia, SD Vieira, APC Rodrigues, LFF Dalmazzo

Grupo Gestor de Serviços de Hemoterapia - Grupo GSH, São Paulo, SP, Brasil

